

O NARRADOR E A BUSCA DA ESSÊNCIA NA OBRA *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR¹

Francisca Lourenço Soares²

RESUMO: Este artigo se deteve a uma análise feita a partir da obra **A hora da estrela** de Clarice Lispector, procurando mostrar uma síntese da terceira geração modernista, incluindo suas principais características e fazer uma breve discussão da referida obra. Seguindo essa abordagem será feito um estudo sobre o narrador que está presente nesse romance e a busca da essência. A elaboração do texto teve-se por base teórica os estudiosos Blanchot (2005), Nunes (2009), Miranda (2013), Picchio (1989), Santiago (2002), a fim de desenvolver uma tese convincente diante dessa pesquisa.

Palavras-chave: Narrador. Essência. **A hora da estrela**. Modernismo.

INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos da Terceira Geração Modernista é introduzir uma nova cultura internacional nas letras brasileiras. Clarice Lispector cria romances e contos introspectivos, que dialogam com as fronteiras do indizível. É por isso, que a leitura de Lispector é considerada difícil porque essa escritora não explica, nem diz muita informação.

Clarice Lispector pertence à corrente literária modernista, mas sua escrita situa-se entre o Realismo-Naturalismo e o Romantismo-Simbolismo. Em **A hora da estrela**, o narrador em primeira pessoa Rodrigo S.M. conta a trajetória de vida da personagem Macabéa que simboliza a classe dos excluídos.

O presente trabalho pretende analisar as características do narrador na obra **A**

¹ Artigo elaborado como requisito necessário para aprovação da Disciplina Literatura Brasileira III, sob orientação da Prof. M. Sc. Maria Edinete Tomás.

² Aluna do Curso de Letras em Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

hora da estrela de Clarice Lispector. Está dividido em dois sub-temas: o primeiro tem-se um esboço entre a terceira geração modernista e a obra **A hora da estrela**. O segundo é voltado para uma discussão feita em relação ao narrador e a busca da essência na obra em estudo.

A TERCEIRA GERAÇÃO MODERNISTA E A OBRA *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

A terceira geração modernista tem início em 1945, com o fim do Estado Novo e se estende até 1978, com a ditadura militar. Na prosa destacam-se João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, na poesia, João Cabral Melo Neto. Uma das principais características é introduzir uma nova cultura internacional nas letras brasileiras.

A literatura é vista como uma constante pesquisa de linguagem e também um compromisso entre arte e realidade. A terceira geração modernista tem uma herança das características das outras gerações, pois da primeira há um retrocesso em relação às conquistas de 22. Já da segunda geração herda a conciliação entre nacionalismo e universalismo. Clarice Lispector estabelece diálogo com as fronteiras do indizível em seus romances e contos introspectivos.

O livro **A hora da estrela**, foi escrito em 1977, sendo o último romance publicado em vida por Clarice Lispector. A autora cria um narrador masculino para contar toda a trajetória de vida da nordestina Macabéa que passa a viver no Rio de Janeiro. Essa jovem representa toda espécie de alienação, pois vive sem sonhos, sem perspectivas para o futuro.

Macabéa nasce no sertão de Alagoas, local onde morre os pais e aos dois anos de idade fica sob a responsabilidade da tia beata. As duas mudam-se para Maceió e depois para Rio de Janeiro. Com a morte da tia passa a morar na rua do Acre com as amigas: Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e trabalhava como datilógrafa na rua do Lavradio. Macabéa conhece Olímpico de Jesus e começam a namorar, mas esse namoro não prospera. Logo depois, Olímpico se interessa por Glória, ao invés da

alagoana sentir raiva, aceita tudo com passividade. Macabéa vai a uma cartomante por indicação de Glória. Depois da consulta a cartomante, Macabéa é atropelada por uma Mercedes.

No início da leitura da obra, o leitor percebe que o narrador Rodrigo S.M. não apresenta logo a personagem Macabéa, pois dá sempre rodeios antes de se referir a jovem Alagoana, apenas caracterizando com uma pessoa inofensiva. Só depois que o narrador expõe Macabéa com todas suas tristezas e neuroses.

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém.

.....
Acabo de descobrir que para ela, fora Deus, também a realidade era muito pouco. Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmera lenta, lebre pulando no ar sobre os outeiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza. E achava bom ficar triste. (LISPECTOR, 1998, p.13-34).

Percebe-se que o narrador em primeira pessoa Rodrigo S.M. tem certa dificuldade em apresentar Macabéa, a qual é alvo de desilusão e exclusão. Na primeira citação o narrador esclarece que a jovem alagoana não faz falta para ninguém, pelo fato da personagem ser uma figura inexistente para a sociedade. É por isso, que Rodrigo sente desconforto em narrar essa história. Na segunda citação, o narrador já apresenta Macabéa mostrando sua condição de parasita, vivendo vagarosamente.

Clarice Lispector se esconde atrás de Rodrigo, o qual sente desprazer em falar de macabéa, pois a passividade, a estranheza dessa moça lhe incomoda e enjoa porque ela é uma jovem esquisita, feia.

Segundo Picchio (1989), a leitura de Clarice Lispector é difícil e trabalhosa, por isso que exige muita atenção, compreensão do leitor. A autora dialoga com as fronteiras do indizível, o que não se pode dizer e é por as informações serem escassas que a obra de Lispector é considerada complicada.

O NARRADOR NA OBRA EM ESTUDO E A BUSCA DA ESSÊNCIA

O narrador é aquele que conta a história, apresentando o enredo e as personagens. Dessa forma o processo narrativo como um todo, depende de quem narra a ação. O narrador pode transmitir uma vivência ou uma informação sobre determinada situação.

Conforme Santiago (2002, p.53) “a ação pós-moderna é jovem, inexperiente, exclusiva e privada da palavra”. Dessa forma, o narrador busca explicar o que não conhece, encontrar as palavras certas para descrever ou apresentar suas personagens. Devido ter poucas informações sobre as personagens, mantém um distanciamento com a realidade.

Em **A hora da estrela**, o narrador Rodrigo S.M. é visto como um narrador que se questiona o tempo inteiro o seu próprio modo de narrar, o seu estilo, a sua capacidade de compreender Macabéa, moça de extração sócio-cultural inferior, fala mais de si do que mesmo das personagens. Até porque ele não fala logo das personagens no início da narrativa. O narrador fica sempre adiando o início da narrativa, característica bastante presente nas obras de Clarice.

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.

.....
Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? (LISPECTOR, 1998, p.14-15).

Então, Rodrigo S.M. sente uma sensação incomodante em descrever Macabéa, a qual representa uma espécie de miséria e alienação perante a sociedade. Depois que ele apresenta aos leitores essa personagem, se livra da sensação de mal estar. O que faz é sempre questionar o seu modo de narrar e também a capacidade que tem de entendê-la.

A literatura busca insistentemente o silêncio, busca nomear o inominável. A literatura está entre o paradoxo, pois ela quer dizer, mas não diz. A busca da essência

é constante, e esta não é representada porque é algo inominável, indizível. Segundo Blanchot (2005, p.285):

Às vezes nos fazem estranhas perguntas; esta, por exemplo: "Quais são as tendências da literatura atual?" Ou então: "Para onde vai a literatura?" Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que, se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento.

A literatura vai em direção a ela mesma, em direção a sua essência, que se traduz no seu desaparecimento. A essência é a não palavra, o inexpressado. A literatura quer transmitir algo, mas não consegue. O escritor quer falar de algo absoluto, que tem essência, que está além das palavras. Mas com o instrumento que ele possui, que é a linguagem, não consegue repassar. Miranda (2013, p.11) define o indizível "no sentido de dar passagem, utilizando-se da palavra escrita, a algo que não é traduzível em palavras, e que se faz sentir no texto como um efeito."

O narrador tenta descobrir seu mistério, pois ele fala dele muito antes de começar a história de Macabéa. Mas também busca desvendar o mistério da personagem. O narrador experimenta um forte sentimento de fracasso da linguagem, isto é, não consegue exprimir o que quer dizer. A linguagem não é só o material que constrói a personagem Macabéa, mas também é o próprio objeto para se chegar a essência. A própria Macabéa representa a busca da essência, pois o narrador não encontra palavras para descrevê-la e apresentá-la ao leitor "(...) o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações (...) são poucas (...). Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o material básico é a palavra." (LISPECTOR, 1998, p. 14). E é pelos olhos do narrador e através de seu domínio da palavra que a existência e a essência são expostas como interrogações.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?) (LISPECTOR, 1998, p. 25)

Assim, a língua ao invés de comunicar, torna-se um obstáculo para a comunicação. Deixando vazios a serem preenchidos pela imaginação do leitor. A imaginação vai além do real, busca por meio da palavra mostrar o que está por trás das interrogações. Mas não consegue porque a palavra torna-se um empecilho para a comunicação. De acordo com Nunes (2009, p. 127):

A traição vai mais longe. À medida que falamos de nós mesmos, procurando expressar-nos, as palavras, dizendo de mais ou de menos, formam uma casca verbal, que circunda com seus significados o âmago da personalidade, acabando por se converter numa imagem provisória, porém inevitável, do nosso próprio ser. Não conseguimos exprimir tudo o que somos e adquirimos um ser aparente mediante aquilo que conseguimos exprimir.

Muitas vezes, os personagens iniciam a busca de si mesmos, procurando uma linguagem verdadeira que revele a essência do ser, mas não conseguem, a língua torna-se uma barreira oposta à comunicação. Então, o ser não consegue representar o por meio da palavra o que quer dizer, o que quer representar porque é algo desconhecido, irrepresentável. A partir daí, chegamos a uma busca da essência, ao fracasso da linguagem, a impossibilidade de preencher o vazio que as interrogações deixam. Não temos respostas, mas o escritor persiste na escrita porque o desconhecido é a causa da mesma, e o escritor está sempre em busca dele. “O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta.” (LISPECTOR, 1998, p. 16-17). Então, o livro apresenta uma história que não apresenta palavras para definir a personagem, deixando o silêncio, o espaço vazio, apresenta dificuldades em fixar o objeto no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita expõe uma discussão e um esboço sobre A terceira geração modernista e a obra **A hora da estrela** de Clarice Lispector. Além de focar o narrador como um ser que se questiona o tempo inteiro o seu próprio modo de narrar, o seu estilo, a sua capacidade de compreender Macabéa ao passo que narra os fatos do romance em estudo. Apresenta uma questão bastante abordada nas obras de Clarice

Lispector, a essência, o indizível. E esta questão também é encontrada na obra **A hora da estrela**.

O desenvolvimento dessa pesquisa contribui de forma significativa e prazerosa para uma reflexão acerca desse movimento literário que é o Modernismo Brasileiro. Além de conhecer a obra analisada **A hora da estrela**, e discutir a presença do narrador masculino na obra de Clarice Lispector que se questiona, busca palavras para iniciar a narrativa, encontra dificuldades para representar a personagem Macabéa. E encontrar características da busca da essência, a vontade de representar por meio da palavra o desconhecido, o irrepresentável.

Espero que esse trabalho possa servir como fonte de estudo aos apreciadores de Literatura, principalmente aqueles que acompanham a produção literária de Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues de. **O indizível em Clarice Lispector: uma leitura em interface com a psicanálise**. Vitória : EDUFES, 2013.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **Epifania de Clarice**. *Revista Remate de Males*, nº 9, UNICAMP/Campinas, 1989. .

SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da Letra. Ensaios**. Rio de Janeiro. Rocco, 2002.